

# Ulysses não acredita no novo partido

DOMINGO, 5 DE JUNHO DE 1988

## FLAMARION MOSSRI

Para Ulysses Guimarães, fundar partido é organizar diretório municipal em Humaitá, pequena cidade amazonense perto do Acre. "De Manaus a Humaitá levei 24 dias de barco", disse, lembrando os dias heróicos do MDB que ajudou a fundar em 66, e que vem presidindo, agora como PMDB, desde 1971.

"Muitos políticos fundaram e falam em fundar partido. Eu sempre pergunto: vocês organizaram diretório na cidade de Humaitá? Se não fundaram, não existe partido", sentenciou o presidente do PMDB, da Câmara e da Constituinte, falando ao Estado na manhã de ontem, depois de uma caminhada pelos arredores de sua residência oficial, no Lago Sul, em companhia do seu dileto amigo Renato Archer, ministro da Previdência Social.

Antes da caminhada Ulysses fez sua segunda sessão semanal de massagem. Bem disposto, apesar da fisionomia cansada, calça e camisa esporte, ele ainda se mostrava informado com a decisão de diversos deputados e senadores de deixarem o PMDB para formar uma nova agremiação. "Não sei por que o meu querido amigo Mário Covas quer nos deixar", desabafou. "Até agora não entendi o que foi que o PMDB fez, para ele querer sair."

Na sua opinião, Covas tem tudo para ser o candidato do partido ao

governo de São Paulo, "inclusive o apoio de Quéricia". Além disso, lembra, o ainda líder do PMDB na Constituinte tem poderes políticos na atual administração estadual.

Ulysses Guimarães, da mesma forma que os governadores Pedro Simon (RS), Miguel Arraes (PE), Waldir Pires (BA) e outros, entende que a grande decisão do partido será na convenção nacional de 21 de agosto. Por isso, não entende a decisão dos chamados "independentes" de saírem antes, sem lutar pelas suas posições no órgão máximo do partido.

Ele reconhece que o partido sofrerá um grande desfalque, mas está confiante em que, após a redefinição do programa, o PMDB estará reunificado e em plena forma para disputar o pleito municipal de 15 de novembro, cuja realização defende. "O PMDB tem o poder de imantação, a legenda magnetiza a sociedade brasileira. Admito que temos governantes de ibope baixo, mas a legenda continua soberana", comentou com entusiasmo.

Segundo Ulysses, a convenção nacional será realizada praticamente em clima pré-eleitoral, com as atenções voltadas para o pleito municipal de novembro. "Ninguém vai preferir a implosão. Todos se sentirão inclinados a defender o nosso patrimônio, consolidar a unidade partidária. A legenda é a nossa pou-

pança. Vai querer solapar sua poupança?"

O presidente do PMDB deu outro dado: a campanha municipal deste ano será uma prévia importante às pretensões do partido para a campanha eleitoral de 89, da sucessão do presidente Sarney.

Além da implantação de diretórios em mais de quatro mil municípios, Ulysses fez questão de afirmar que o partido tem 23 governadores, "alguns dos quais com excelentes índices de prestígio", com peso político capaz de garantir êxitos eleitorais. Os governadores e aparelhos municipais representam uma força política considerável, lembrou ele. Outra bandeira que o PMDB deverá hastejar na campanha deste ano será a da sua participação "decisiva" na Constituição.

"Se não for uma carta do PMDB, será uma carta com influência decisiva do PMDB", argumentou Ulysses. "Há avanços que nem países como a França socialista conseguiram. Quer um exemplo? A defesa do meio ambiente. Até da ONU recebi moções de aplauso."

Ulysses Guimarães não falou sobre a sua possível reeleição à Presidência da Câmara, cargo que lhe permitiria continuar como vice de Sarney, mas admite examinar a possibilidade de ceder a presidência do partido para Mário Covas. Depois, com um largo sorriso, fez uma confidência: "Minhas duas paixões nesta vida são a Mora e o PMDB".

## E se preocupa com falta de quórum

Haverá votação na Assembléia Nacional Constituinte a partir de amanhã? Ulysses Guimarães, novamente presidente interino da República, tem dúvidas e preocupação. Está convicto de que somente a partir do dia 13 ou 14 haverá casa cheia, não com 559 parlamentares, mas com 400 a 450. Ulysses reassume a presidência da Constituinte no dia 9, com o retorno de Sarney dos Estados Unidos.

O presidente do PMDB e da Constituinte está preocupado também com a falta de quórum para adesão à iniciativa do vice-presidente da Constituinte, senador Mauro Benevides, de convocar sessão, para quarta-feira, de homenagem póstuma ao senador Virgílio Távora. "Tudo bem, Mauro. Mas vou tornar público que a solicitação foi sua", disse ele ao senador cearense.

Ulysses Guimarães não quer

aceitar a opinião de muita gente de que, definido o mandato de Sarney, a tendência do plenário é de esvaziamento. "Não podemos aceitar isso, e temos de lutar contra isso", diz. O presidente da Constituinte também não se conforma e não aceita a rotina que os próprios parlamentares adotaram, de votação somente três dias por semana, terças, quartas e quintas-feiras. "O pior não é o fim de semana — sábado e domingo. Acontece que a grande maioria já viaja na sexta pela manhã, e só retorna a Brasília na segunda-feira à tarde ou na terça pela manhã", queixa-se.

Pelo seu levantamento, está faltando votar 164 dispositivos e 443 destaques para que se conclua o capítulo das Disposições Transitórias. "Se houver esforço comum, dá para concluir o primeiro turno ainda este mês", avalia ele, pensando em sessões aos sábados e domingos.

Para o segundo turno de votação só serão admitidos quatro tipos de emendas: de supressão, de redação, de omissão e de contradição. Ulysses Guimarães está tentando, junto às lideranças, que cada emenda de parlamentar seja abrangente, isto é, capaz de atender a essas quatro condições, para ganhar tempo e dinamizar o segundo turno. Cada parlamentar terá direito a apresentar quatro emendas.

Ulysses não acredita que os constituintes deixem de votar o segundo turno, lembrando que há conquistas sociais a consolidar, sob pena de cobrança da opinião pública. "Sem o segundo turno não teremos uma nova Constituição", advertiu. Sua meta, agora, é concluir os trabalhos da Constituinte no final de julho. Mas, lembra, isso não depende só dele: "Depende fundamentalmente de os parlamentares aceitarem o 'sacrifício' de uma semana com sete dias".